

Plano de Aula 1: A Revolta Escrava de Carrancas (Minas Gerais, 1833)

I - Início

Série: 8º ano EF

Duração: 2 aulas (45 minutos cada)

Habilidade BNCC: (EF08HI15) Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado; (EF08HI16) Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado.

Unidade Temática: O Brasil no século XIX

Objetos de Conhecimento: O período Regencial e as contestações ao poder central; o escravismo no Brasil do século XIX; revoltas de escravizados

Objetivos Específicos

- Identificar os grupos políticos da Regência e as suas disputas.
- Compreender o desenrolar da revolta de Carrancas.
- Identificar as motivações e interesses dos diferentes grupos sociais envolvidos na revolta.
- Compreender a percepção dos escravizados insurgentes sobre as disputas políticas na província de Minas Gerais.
- Compreender o caso de Carrancas como um episódio de insurreição dentre outras rebeliões escravas ocorridas no Brasil e nas Américas no mesmo contexto histórico.

Estratégias e Recursos

- Atividade com mapa;
- Leitura e interpretação de trechos documentais;
- Leitura e compreensão do texto "Massacre em Carrancas" de Marcos Ferreira de Andrade publicado no Impressões Rebeldes;
- Atividade em grupo: formulação de hipóteses e argumentação oral;
- Projetor

II - Roteiro da Aula

Proposta/Metodologia: A partir da história da revolta escrava de Carrancas (1833) fazer uma reflexão sobre as disputas políticas no contexto da regência colocando em

evidência o modo pelo qual os escravizados construíram suas próprias interpretações acerca de tais disputas, apropriando-se delas na luta pela liberdade.

A atividade foi pensada para ser realizada no momento em que o (a) docente já tenha concluído o conteúdo do Primeiro Reinado (1822-1831) e trabalhado em aula(s) anterior(es) as características políticas do período regencial, tendo explicado sobre os principais grupos políticos: os restauradores, ou "caramurus", os liberais moderados e os liberais exaltados.

Ao focar a leitura feita pelos escravizados insurgentes acerca do contexto político da regência, compreendendo-os como sujeitos históricos, a atividade contribui para o ensino da história da África e dos africanos e negros no Brasil no âmbito da educação básica, prevista pela Lei n. 10.639/2003.

O tema da revolta escrava de Carrancas será desenvolvido em 2 aulas. A primeira aula tem como objetivo localizar o movimento insurgente no tempo e no espaço, bem como apresentar as principais características sociais e econômicas da província de Minas Gerais e da comarca do Rio das Mortes onde localizava-se o arraial de Carrancas, estabelecendo a relação entre o perfil populacional de escravizados da região com a dinâmica do tráfico transatlântico na época. Em um primeiro momento será apresentado aos estudantes um mapa do Brasil Império na década de 1830 e um mapa do Brasil na atualidade, para que possam compará-los identificando as semelhanças e diferenças. Em seguida, sugerimos a projeção do mapa da comarca do Rio das Mortes para situar o arraial de Carrancas, acompanhado pela leitura coletiva e mediada de fontes documentais selecionadas, visando introduzir a explicação sobre o perfil populacional e as atividades econômicas da região. Finalmente apresentamos uma linha do tempo do Brasil Império (1822-1889) com o intuito de situar a Revolta de Carrancas (1833) no período regencial (1831-1840), assim como destacar outras rebeliões escravas corridas naquele contexto histórico, como a dos Malês (1835) e a de Manuel do Congo (1838). No segundo momento da aula, propomos aos estudantes uma atividade de leitura e interpretação textual dos três primeiros parágrafos do artigo "Massacre em Carrancas" de Marcos Ferreira de Andrade, publicado na *Revista Impressões Rebeldes*. A aula terminará com a correção oral e coletiva das questões.

A segunda aula tem como objetivo compreender como ocorreu a revolta escrava de Carrancas, identificando os sujeitos históricos envolvidos e suas respectivas motivações e interesses com o movimento insurgente. Trata-se de uma aula expositiva dialogada na qual o docente irá, a partir da análise conjunta de algumas passagens documentais e da introdução de questões desequilibradoras, estabelecer as relações entre as disputas políticas do período regencial opondo os "liberais moderados" e os

"Caramurus" e a revolta de Carrancas de 1833. Em seguida, os estudantes, organizados em grupos, irão ler o restante do artigo "Massacre em Carrancas" e completar um quadro sobre a revolta com as seguintes informações: Onde aconteceu? Quando? Quais os sujeitos históricos envolvidos? O professor realizará a correção oral da atividade procurando pontuar as diferentes motivações dos grupos sociais envolvidos no levante.

No segundo momento da aula os estudantes serão convidados a se reunir em pequenos grupos para fazer um exercício de construção de hipóteses a partir da interpretação de passagens documentais e da gravura da Revolta de Nat Turner, rebelião escrava ocorrida na Virgínia em 1831, que abre o texto sobre a Revolta de Carrancas. A atividade tem a intenção de promover a mobilização intelectual dos estudantes para que construam suas próprias explicações, exercitando um raciocínio baseado em evidências. Caberá ao docente, observar as discussões travadas em cada um dos grupos e realizar intervenções no sentido de colaborar para que os estudantes consigam caminhar na construção de suas hipóteses. Ao final, cada grupo apresentará as hipóteses formuladas, argumentando sobre as evidências que os levaram a elaborar tal interpretação.

III - Plano de Aula

Aula 1: (45 minutos)

➤ 1º momento: Localizando a Revolta de Carrancas no tempo e no espaço (15 minutos)

Distribua para cada um dos estudantes uma folha contendo 1 mapa representando a divisão político administrativa do Brasil Império e 1 mapa representando a divisão político administrativa do Brasil na atualidade. Realize oralmente um exercício de comparação dos mapas. Sugerimos a introdução das seguintes questões para direcionar a discussão:

- 1) Localize no mapa, criando uma legenda, a capital do Brasil no tempo do Império (1822-1889) e a capital do Brasil na atualidade.
- 2) Quais as diferenças que vocês observam entre os dois mapas?
- 3) Quais as semelhanças?

Este exercício inicial tem a intenção de chamar atenção dos estudantes para o fato de que o território do Brasil no período imperial era dividido em províncias, e a cidade do Rio de Janeiro era a Corte do Império. Explique que com a proclamação da

República, em 1889, o território do Brasil passou a ser dividido em estados e a cidade do Rio de Janeiro denominada capital federal.

Em seguida distribua para os estudantes o texto "[Massacre em Carrancas](#)" de Marcos Ferreira de Andrade, publicado na *Revista Impressões Rebeldes*. Caso a escola possua um laboratório de informática os alunos poderão acessar o texto no site

Introduza o tema da aula: a revolta escrava de Carrancas, ocorrida nas Fazendas Campo Alegre e Bela Cruz na província de Minas Gerais em 1833. Peça para que os estudantes localizem no mapa do Brasil Império a província de Minas Gerais e a pinte de laranja, elaborando sua respectiva legenda. Com um projetor apresente **o mapa da província de Minas Gerais (material 1)** no qual podemos visualizar as diferentes comarcas e as vilas mais importantes (Comarca do Rio das Velhas e a vila de Sabará; Comarca de Ouro Preto e a Vila Rica; Comarca do Rio das Mortes e a Vila de São João Del Rei). Observe que as fazendas Campo Alegre e Bela Cruz ficavam na Comarca do Rio das Mortes e que esta fazia divisa ao sul e sudeste com as províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. O arraial de Carrancas localizava-se a sudoeste da Vila de São João del Rei, próximo ao rio Capivari.

Comente que de acordo com documentos da época (Mapas populacionais de 1833-1835), a Comarca do Rio das Mortes possuía 91.979 habitantes, sendo que 55.146 livres (59,9%) e 36.833 escravizados (40,1%). Algumas das regiões dentro da Comarca apresentavam uma maior concentração de população escravizada, por exemplo o termo de São João Del Rei (55,6% de homens livres; 44,4% de escravizados) e a freguesia de Carrancas. (Andrade, 1998-1999, 46-47)

Articule essa informação com a dinâmica do tráfico transatlântico de escravizados na conjuntura da primeira metade do século XIX, caracterizada pela entrada de número expressivo de africanos até a extinção do tráfico internacional em 1850. Relembre que apesar da Lei de 1831 ter considerado o tráfico internacional de cativos ilegal, este continuou sendo praticado: nos primeiros cinco anos após esta lei houve uma redução no tráfico, no entanto nos anos seguintes observa-se um aumento constante da entrada de escravizados nos principais portos do Brasil (Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco). O principal destino de muitos desses africanos escravizados era a região sudeste, em áreas ligadas ao abastecimento interno da Corte. Este era o caso da província de Minas Gerais que se tornou o destino de 48% dos cativos desembarcados no Rio de Janeiro entre 1825 e 1833 (Andrade, 2017, 265). O [Atlas Histórico-Econômico do Brasil no século XIX](#) possui mapas sobre o tráfico transatlântico de escravizados no período, que podem ser apresentados aos estudantes para uma melhor compreensão do conteúdo. (Ver Mapa 12 "Tráfico legal e ilegal de escravos, 1776-1860 (por áreas de desembarque)" e Mapa 12A "Regiões de embarque na África", páginas 52 e 53. E também o gráfico com o número de escravizados desembarcados no Brasil entre 1776 e 1860, página 53) Outra sugestão é acessar com os estudantes a plataforma [Slave Voyages](#).

Comente sobre a dinâmica da economia escravista das Minas nas primeiras décadas do século XIX a partir da interpretação da **seleção de documentos 1 (material 2)**. Realize a leitura oral com os estudantes e peça para que sublinhe nas passagens documentais as atividades econômicas mencionadas. Informe que desde meados do século XVIII as atividades econômicas da região centro-sul da província de Minas Gerais foram se diversificando, processo este que se intensificou ao longo do século XIX. Neste período ocorreu o aumento do comércio ligado ao abastecimento de certos mercados, sobretudo o da Corte (Rio de Janeiro), bem como o desenvolvimento da pecuária e da agricultura. Explique o que era o comércio de tropas e quem eram os tropeiros. Como estratégia para a sistematização do conteúdo, solicite aos estudantes que representem no mapa do Brasil Império o comércio entre a região centro-sul da província de Minas Gerais e a Corte descrito nas passagens documentais, indicando os artigos comercializados e criando sua respectiva legenda.

Projete, ou desenhe na lousa, a linha do tempo do Brasil Império (1822-1889). Relembre com os estudantes que o período do Brasil Império é subdividido em Primeiro Reinado (1822-1831) e o Segundo Reinado que compreende a regência (1831-1840) e o governo de D. Pedro II (1840-1889). Situe a Revolta de Carrancas na linha do tempo mostrando que a insurreição ocorreu durante a Regência, período pontuado por outras revoltas escravas como a do Malês (Salvador, Bahia, 1835) e a do Manuel do Congo (Paty do Alferes, Rio de Janeiro, 1838).

➤ 2º momento: Leitura e compreensão textual (30 minutos)

Sugerimos a Introdução das seguintes questões:

- 1) Quais as características da população escravizada de Carrancas na década de 1830?
- 2) Que atividades eram realizadas pelos escravizados das fazendas Campo Alegre e Bela Cruz?
- 3) Essas fazendas pertenciam a que família?
- 4) Qual a importância desta família na província de Minas Gerais?

Peça para que os estudantes, reunidos em grupos, leiam os três parágrafos iniciais do texto "Massacre em Carrancas" e analisem as informações do **documento 2 "Quadro dos escravos indiciados no processo de insurreição de 1833 na Freguesia de Carrancas" (material 2)**. Explique brevemente o que significa ser indiciado em um processo. Tomando como base as informações do texto e do documento 2, solicite que respondam às questões propostas acima.

Durante a correção oral é importante destacar e explicar algumas ideias: 1 - a de que os escravizados da região centro-sul da província de Minas Gerais, tinham procedências distintas na África, conforme podemos notar pelo registro no quadro dos escravizados indiciados. Interessante destacar que tais denominações - Benguela, Cassange, Angola, Mina dentre outras - foram construídas por traficantes, agentes administrativos e senhores que identificavam os africanos escravizados de forma genérica pelo nome do porto ou das regiões onde tais indivíduos embarcaram da África rumo às Américas, silenciando sobre os lugares onde haviam nascido, suas aldeias, famílias e os nomes de suas etnias. Por outro lado, no processo de construção de novas identidades no contexto da sociedade escravista, tais indivíduos acabaram adotando essas novas designações, assim como, em larga medida, se socializaram e construíram suas novas relações com indivíduos do seu mesmo grupo de origem (Souza, 2006, p: 84-85; 104-106) 2 - a diferença entre escravizados africanos e escravizados nascidos no Brasil, denominados "crioulos". Aproveite esse momento para chamar a atenção para as diferentes experiências e trajetórias de homens e mulheres escravizados no Brasil, desconstruindo imagens estereotipadas. Uma dessas diferenças se relaciona ao local de origem na África, o que significa dizer que tais indivíduos genericamente designados como "africanos" eram de variadas etnias, falavam línguas diferentes e pertenciam a sociedades e culturas particulares. Existia ainda a diferença entre os escravizados que vivenciaram a violenta captura na África e a travessia do atlântico, sendo obrigados a se adaptar à nova realidade da escravidão no Brasil, e aqueles já nascidos no Brasil, que cresceram no contexto do escravismo. Comente que geralmente as relações entre os escravizados africanos e "crioulos" eram permeadas por tensões, uma vez que os últimos eram vistos e tratados de forma diferenciada pelos seus senhores em relação aos primeiros. No entanto, no caso do movimento insurgente de Carrancas observamos que africanos de variadas procedências na África se juntaram para fazer o levante, unindo-se também a escravizados "crioulos" que aparecem entre as lideranças. Sugerimos que tal reflexão seja realizada de forma dialogada com os estudantes, recuperando passagens do primeiro parágrafo do texto.

Aula 2: (45 minutos)

➤ 1º momento: A Revolta Escrava de Carrancas (30 minutos)

O objetivo desta aula é compreender o desenrolar da revolta de Carrancas, identificando os sujeitos históricos envolvidos e suas respectivas motivações e interesses com o movimento insurgente.

Sugerimos iniciar a aula chamando atenção dos estudantes sobre a data do início da revolta "(...) A tarde do dia 13 de maio de 1833 seria fatídica e traçaria um novo rumo para alguns escravos das fazendas da família Junqueira (...)". O 13 de maio

nos faz lembrar de outro acontecimento relacionado a história do Brasil? Esta pergunta tem o propósito de realizar uma avaliação diagnóstica sobre o conhecimento que os estudantes já possuem sobre o tema. Espera-se que alguns deles façam menção ao 13 de maio de 1888, data da abolição da escravidão no Brasil.

Problematize e desconstrua a ideia da abolição da escravidão como uma dádiva concedida pela princesa Isabel. Explique que, durante o século XIX, as revoltas escravas, ao lado de outras ações, como fugas e crimes contra os seus senhores, contribuíram para desestabilizar a ordem escravista e difundir o medo do "haitiniano" no Brasil. Explique brevemente o que foi a revolução de São Domingos/Haiti (1791-1804). Em meio a essa conjuntura de temor começaram a surgir na década de 1830 discursos de jornalistas e políticos defendendo que a escravidão, como instituição legal, deveria ser combatida para garantir a segurança dos brancos (Albuquerque, 2018, 328).

Comente que anos antes, em 1831, os escravizados da Freguesia de Carrancas já haviam tentado se revoltar, movidos por boatos disseminados pelo vigário Joaquim José Lobo de que o ex-imperador, no caso D. Pedro I, tinha a intenção de conceder a liberdade a eles. A revolta não se concretizou pois os planos foram descobertos antes de sua execução. Neste momento leia os **trechos de Documentos 3 (material 2)**. Comente que ao longo do Primeiro Reinado e da Regência os padres da província de Minas Gerais exerciam outras atividades para além do sacerdócio, sendo proprietários de terras, comerciantes, advogados e assumindo cargos políticos. Alguns deles ganharam projeção no cenário político da província de Minas Gerais e na Corte do Império. (Andrade, 1998-1999, 57)

Relembre que o ano de 1831 foi o da abdicação de D. Pedro I, momento marcado, sobretudo, pelas divergências políticas entre portugueses e brasileiros, e pela formação da facção restauradora. Pressupõe-se que em aulas anteriores o docente já tenha trabalhado com a turma as características políticas da regência. Relembre brevemente os três agrupamentos políticos do período e suas respectivas ideias, que eram defendidas em jornais, no Parlamento e por seus líderes nas localidades onde residiam. Tais disputas entre a facção liberal moderada e os "caramurus" foram também vivenciadas no âmbito da província de Minas Gerais, opondo as famílias influentes e com fortunas da região. Destaque que a primeira tentativa de insurreição em 1831, aconteceu em um momento de acirramento das divergências políticas na Corte (Rio de Janeiro), também sentidas naquela província.

Apresente o seguinte questionamento: Qual o interesse do vigário acusado de incitar os cativos a fazer uma revolta em 1831 contra os seus senhores, já que ele mesmo era um grande proprietário de terras e escravos? A rebelião não representaria um risco para ele próprio? A introdução desta pergunta neste momento tem uma intenção desequilibradora e convidativa, instigando a mobilização intelectual dos estudantes para tentarem refletir sobre o desafio apresentado. Abra espaço para que

os estudantes apresentem e desenvolvam oralmente os seus argumentos, valorizando a participação de cada um. Faça uma reflexão de forma dialogada sobre as contribuições feitas, registrando-as no quadro, para que mais adiante sejam recuperadas.

Comente que a revolta de Carrancas de 1833 ocorreu em um momento no qual as disputas entre Liberais e restauradores ("caramurus"), como mencionado acima, ganharam expressão na província de Minas Gerais, no episódio conhecido como Sedição Militar de 1833, em que um grupo identificado pelos liberais moderados como sendo dos restauradores tomaram o poder em Ouro Preto, capital da Província, durante os meses de abril e maio. Os sediciosos retiraram do poder o presidente da província, que foi para São João del-Rei onde organizou a guarda nacional para retomar o controle de Ouro Preto. A Sedição Militar de 1833 foi um conflito de poder que envolveu as elites mineiras. Foi justamente neste contexto que a Revolta de Carrancas eclodiu. Destaque para os estudantes que tanto a tentativa de rebelião de 1831 como a Revolta de Carrancas em 1833 aconteceram em momentos de tensão política. (Andrade, 2017, 272)

Peça para que os estudantes, ainda organizados nos grupos, leiam o restante do texto e completem o quadro a seguir. (obs: docente, você pode solicitar para que os estudantes façam o quadro no próprio caderno, ou então distribuir uma folha com o quadro para que eles preencham com as informações a partir da leitura).

	A REVOLTA ESCRAVA DE CARRANCAS
Onde aconteceu?	
Quando?	
Quais os sujeitos históricos envolvidos?	
Como aconteceu?	
Como terminou?	

Realize a correção oral. Releia o final do terceiro parágrafo do texto: "Alguns deles [escravos] exerciam a atividade de tropeiro e estabeleciam contato frequente com a Corte. Com isso ficavam sabendo, a seu modo, dos últimos acontecimentos do período das Regências, dos conflitos entre brasileiros e lusitanos e dos significados da liberdade, além de se tornarem responsáveis, não só pelo transporte de mercadorias, mas também de notícias". Observe que dentre as notícias que chegavam à província algumas tinham relação com a conjuntura política da época.

Informe que o proprietário Gabriel Francisco Junqueira era um dos principais políticos representantes da facção liberal moderada tendo sido eleito deputado em 1831, derrotando o candidato favorito do Imperador D. Pedro I. Por outro lado, Francisco Silvério Teixeira - natural de Ouro Preto, homem branco, fazendeiro (proprietário de 19 cativos) e negociante - foi apontado pelas testemunhas de incitar os cativos e de promover o levante.

Recupere o questionamento feito anteriormente sobre o vigário Joaquim José Lobo na tentativa de revolta em 1831, que espalhou o boato de que o Imperador D. Pedro I queria conceder liberdade aos escravos. Anos depois, em 1833, Francisco Silvério era acusado de difundir boatos de que os fazendeiros de Ouro Preto queriam a liberdade dos seus escravos. Francisco Silvério Teixeira era proprietário de terras e cativos. Qual seria o seu interesse em incitar com que se revoltassem?

Relembre as respostas apresentadas pelos estudantes para a questão. Comente que de acordo com os testemunhos, Francisco Silvério teria agido daquela forma com a intenção de dispersar a Guarda Nacional que se preparava em São João del-Rei para partir em direção a Ouro Preto e combater os sediciosos na capital da província. De acordo com os depoimentos, Francisco Silvério teria agido em apoio à Sedição Militar, sendo partidário da facção restauradora. Conclua com os estudantes que as conjunturas de 1831 e a de 1833 foram de tensionamentos entre os grupos políticos, e que tanto o vigário como o proprietário Francisco Silvério espalharam tais boatos provavelmente com a intenção de atingir os seus oponentes políticos e não porque defendiam a libertação dos cativos. (Andrade, 1998-1999, 59-60)

Chame atenção para o fato de que os escravizados tinham algum conhecimento sobre as notícias políticas da Corte, como também acompanhavam e observavam as divergências políticas entre as elites locais da província de Minas Gerais, elaborando suas próprias percepções sobre a situação.

➤ **2º momento: Construindo hipóteses (15 minutos)**

Nessa parte da aula os estudantes serão convidados a realizarem um exercício de construção de hipóteses a partir dos **trechos documentais (material 2)** e da gravura da Revolta de Nat Turner, rebelião escrava ocorrida na Virgínia em 1831, que abre o texto sobre a Revolta de Carrancas.

Peça para que reunidos nos mesmos grupos elaborem uma hipótese para cada uma das questões abaixo, identificando as passagens documentais e os elementos da imagem que sustentam as hipóteses formuladas:

Questão 1: O que teria motivado os cativos das Fazendas de Campo Alegre e Bela Cruz a se envolverem em um confronto direto contra seus senhores e os matarem de forma tão violenta em 1833?

Questão 2: Descreva a imagem que aparece no início do texto sobre a Revolta de Carrancas. O que você vê? Que acontecimento representa? Onde e quando a situação representada aconteceu? Faça essa discussão em seu grupo. Em seguida, construa uma hipótese a partir da seguinte indagação: O que um episódio de revolta escrava ocorrido em outro país, nos permite dizer sobre a escravidão nas Américas na década de 1830? O que você sabe que lhe faz pensar isso?

A atividade tem a intenção de promover a mobilização intelectual dos estudantes para que construam suas próprias explicações, exercitando um raciocínio baseado em evidências. Para tanto precisam interagir com o conteúdo trabalhado nas aulas, apropriando-se dele na construção dos seus argumentos. Essa tarefa não é fácil sendo importante que o docente, ao longo da atividade, observe as discussões travadas em cada um dos grupos e faça intervenções no sentido de colaborar para que os estudantes consigam caminhar na construção de suas hipóteses. Esse é um bom momento para perceber o caminho do pensamento dos estudantes e identificar possíveis dúvidas.

Realize a correção coletiva da atividade solicitando que cada grupo apresente as hipóteses formuladas. Aproveite esse momento para que os estudantes exercitem a argumentação oral e troquem ideias sobre as hipóteses apresentadas, estimulando-os a perceberem as diferentes perspectivas que apareçam. Ao final é importante que o docente realize uma conclusão recuperando as hipóteses elaboradas e as ideias discutidas.

Em relação à primeira questão, espera-se que os estudantes formulem a hipótese de que os escravizados agiram daquela forma porque visualizaram naquele momento a expectativa de alcançar a liberdade, como evidenciam os testemunhos de Julião Crioulo de que "tinha sido mandado e tivera esperanças de ficar forro" e de José Mina de que ouvira de Ventura "que os brancos no Ouro Preto estavam se guerreando entre si, matando aos outros, e que era boa ocasião deles se levantarem e ficarem forros matando a seus senhores". Outra hipótese possível é a de que alguns escravizados aderiram à rebelião devido aos castigos excessivos que recebiam dos seus senhores, conforme o depoimento de Julião Congo que respondeu "que seu senhor o tratava de mandrião [i. é, malandro, preguiçoso], não estava contente com o seu serviço, dava-lhe pancadas, ainda mesmo quando estava doente (...)". Ou ainda, de que alguns escravizados se viram ameaçados pelos rebeldes a aderirem ao movimento, como sugere a passagem do depoimento de Manoel Joaquim de "que havia acompanhado os outros mais velhos que os ameaçavam de tirar-lhes a cabeça se assim não fizesse". Pondere que tal afirmação pode ter sido prestada pelo depoente como uma estratégia de defesa, para se livrar das acusações.

Alguns estudantes poderão elaborar uma hipótese mais sofisticada apontando a relação entre a disputa política dos grupos liberais moderados e os "caramurus" na

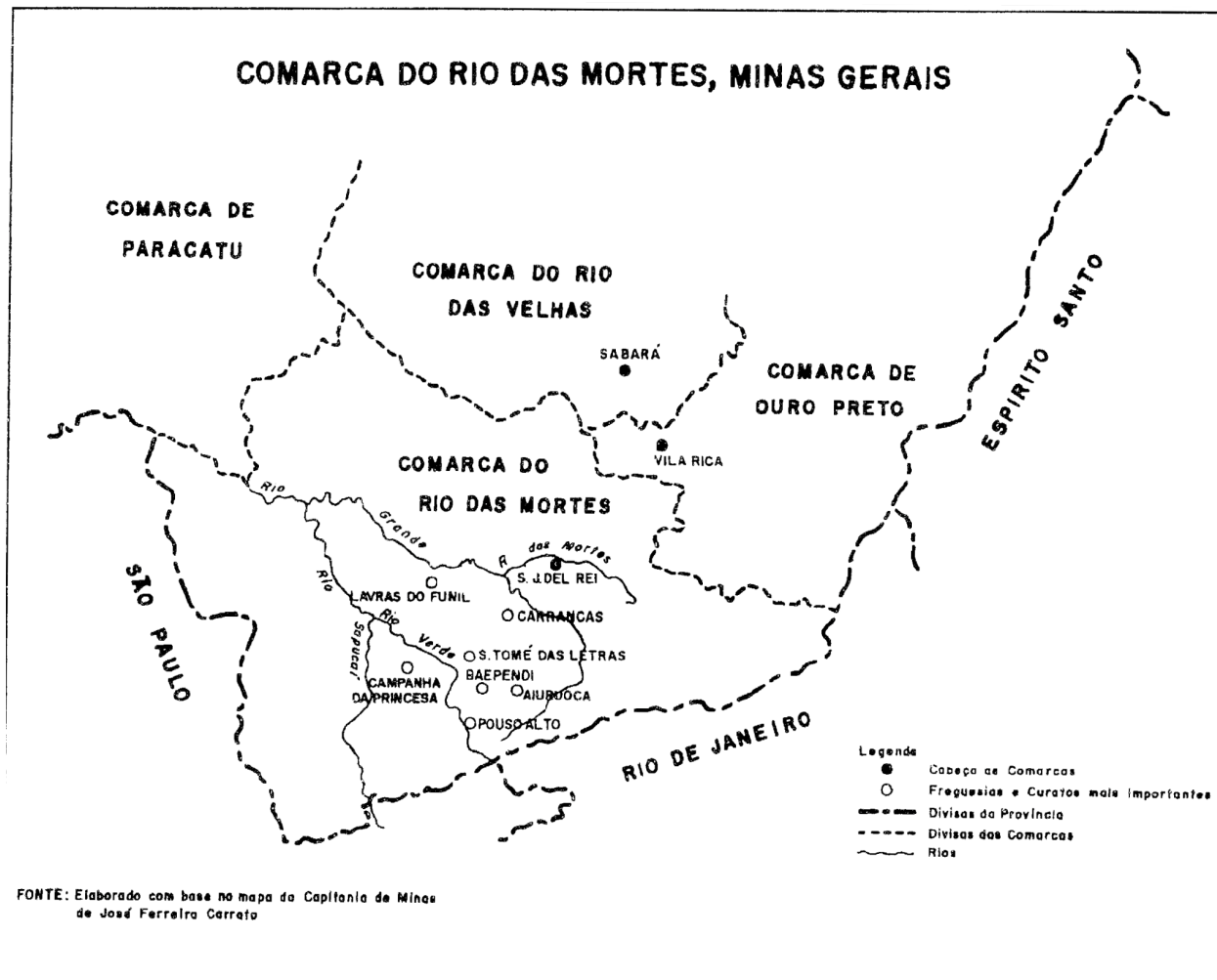
província de Minas Gerais em 1833 e a revolta escrava de Carrancas no mesmo ano. Essa relação pode ser pensada a partir do depoimento de Maria Joaquina do Espírito Santo de que “o preto Antônio Benguela pulava no seu terreiro e batia nos peitos dizendo para ela e seu companheiro: vocês não costumam a falar nos Caramurus, pois conheçam agora os Caramurus. Nós somos os Caramurus, vamos arrasar tudo”. De acordo com o testemunho, os revoltosos se identificavam como “caramurus”, uma vez que para eles ser “caramuru” significava defender o fim da escravidão e, por conseguinte, se posicionar contra os fazendeiros de Carrancas. Caso essa hipótese não seja formulada pelos estudantes, apresente-a de modo a pôr em evidência a perspectiva dos envolvidos na insurreição. É importante destacar que os cativos construíram suas próprias percepções sobre os conflitos entre as elites em sua região, entendendo que a aliança a um dos lados lhes dariam chances na conquista da liberdade. Apesar da notícia de que os “caramurus” estivessem libertando os escravos em Ouro Preto fosse, ao que tudo indica, um boato forjado por Francisco Silvério para atingir os seus oponentes políticos, isso não quer dizer que os revoltosos estivessem sendo meramente manipulados. Assim como os brancos, os cativos fizeram suas leituras sobre as tensões políticas da época e se posicionaram diante delas a partir do que consideravam ser vantajoso para si próprios. (Andrade, 1998-1999, p: 78-80)

Em relação à segunda questão espera-se que os estudantes comentem sobre a opressão a que estavam submetidos os escravizados nas Américas e como as revoltas escravas da Virgínia (1831) e de Carrancas (1833) foram caracterizadas por ações violentas. Os estudantes poderão apontar como uma evidência para tal afirmação as informações sobre o desenrolar da insurreição de Carrancas apresentadas no texto estudado, assim como a frase que aparece em destaque na gravura “Horrid Massacre in Virginia”, acompanhada pela cena de cativos atacando os seus senhores e senhoras. Outra hipótese possível é a de que a menção à revolta de Virginia nos permite deduzir que a revolta de Carrancas não foi um fato isolado ou específico da escravidão no Brasil. A partir da observação da imagem e do texto “Massacre em Carrancas” é possível compreender que as rebeliões escravas aconteceram em espacialidades diferentes, tanto dentro do Brasil, como em outras regiões das Américas.

Como conclusão é interessante fazer menção a Revolta dos Malês, em Salvador na Bahia, em 1835, e a de Manuel Congo, em 1838, no município de Paty do Alferes, no Rio de Janeiro, como exemplos de outras insurreições escravas durante a Regência. Recupere o último parágrafo do texto para refletir com os estudantes sobre o significado da Revolta de Carrancas, como um episódio que marcou a província de Minas Gerais e repercutiu em outras províncias do Império, difundindo o temor entre as autoridades e grandes proprietários de que insurreições semelhantes pudessem acontecer. Comente que a rebelião de Carrancas surpreendeu pela forma como foi organizada, envolvendo um número significativo de cativos de diferentes fazendas,

bem como pela carnificina praticada pelos rebeldes. Destes 16 receberam o castigo exemplar, sendo condenados à pena de morte por enforcamento. Foram executados em praça pública na vila de São João del Rei: 12 deles em dezembro de 1833, e os demais em abril de 1834. Foi a maior maior condenação coletiva à pena de morte e aplicação da pena a escravos da história do Brasil Império. Além disso, meses após a revolta de Carrancas, o Ministro da Justiça, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, apresentou um projeto à Câmara dos Deputados que versava sobre o julgamento de crimes praticados por cativos. Conforme argumenta Marcos Andrade em seu texto “Depois do massacre...”, publicado na *Revista Impressões Rebeldes*, o projeto foi amplamente discutido na Câmara e no Senado e antecipou pontos do texto da Lei n. 4, de 10 de junho de 1835, que estabeleceu a pena de morte para escravos envolvidos no assassinato de seus senhores e familiares (Andrade, 2016 e 2017; Ribeiro, 2005, 43-67; Pirola, 2012, 31-88). Caso considere interessante, é possível em aulas subsequentes abordar a Revolta dos Malês (janeiro, 1835) e trabalhar com os estudantes o significado do projeto de lei encaminhado à Câmara no ano de 1833, após a revolta de Carrancas, identificando os pontos semelhantes com a Lei n. 4, de 10 de junho de 1835.

Material 1:



Mapa retirado de ANDRADE, Marcos Ferreira de. Rebeliões escravas na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas. *Afro-Ásia*. Salvador, nº 21-22 (1998-1999), p 47

Material 2 (Seleção de Documentos)

Trechos de Documentos 1: "Embora os próximos arredores da cidade [São João Del Rei] muito montanhosos e despidos de vegetação, pareçam pouco povoados, acham-se, entretanto, nas grotas e nos fundos dos vales, muitas fazendas espalhadas, que fornecem os necessários gêneros, milho, mandioca, feijão, laranjas, fumo, como também algum açúcar e algodão, sobretudo queijo, muito gado vacum, porcos, mulas; os arroios, ricos de peixes, oferecem bastante meios de alimentação" [J. B. Spix Martius. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, vol I, p 293.]

Quanto é aqui animado o comércio, logo se vê pelo fato de fazerem quatro tropas contínuas, cada uma de cincoenta mulas cargueiras, viagens para lá e para cá da capital anualmente, levando toucinho, queijos, algum tecido de algodão, chapéus de feltro, bois besta, galinhas e barras de ouro para vender ali; pelo valor dos seus produtos trazem de volta mercadorias europeias, sobretudo portuguesas e inglesas, como chitas, panos, rendas, ferramentas, vinho, cerveja Porter, licores, etc." [J. B. Spix Martius. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, vol I, p 294.]

(Trechos retirados de ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Rebeliões escravas na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas*. *Afro-Ásia*. Salvador, nº 21-22 (1998-1999), notas 7 e 9 p: 48)

Documento 2: "Quadro dos escravos indiciados no processo de insurreição de 1833 na Freguesia de Carrancas" em ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Rebeliões escravas na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas*. *Afro-Ásia*. Salvador, nº 21-22 (1998-1999), p: 81-82)

QUADRO II
ESCRAVOS INDICIADOS NO PROCESSO DE INSURREIÇÃO EM 1833, NA FREGUESIA DE CARRANCAS

NOME	NAT./ETNIA	OCUPAÇÃO	INDICAÇÃO NO PROCESSO
FAZ. CAMPO ALEGRE			
1- André	Crioulo	roceiro e carreiro	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
2- Antônio Resende	Cabundá	s/inf.	Teve a vida poupada, pois serviu de carrasco dos outros escravos
3- Domingos	Crioulo	roceiro	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
4- João	Angola	se ocupava da roça	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
5- José Cassimiro	Congo	empregado no serviço da roça	Julgado e absolvido por fugir no momento do confronto
6- José	Mina	se ocupava no serviço da roça	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
7- Julião	Congo	empregado em tirar leite, roçar e capinar	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
FAZ. BELA CRUZ			
8- Antônio	Cassange	serviço da roça	Julgado e absolvido por não participar na execução das mortes
9- Antônio Retireiro	s/inf.	serviço da roça e tirar leite	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
10- Bernardo	Congo	se ocupava de roçar e capinar	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
11- Davi	Crioulo	se ocupava em roçar e carrear	Julgado e absolvido por não participar na execução das mortes
12- Euzébio	Cassange	serviço da roça	Condenado à 600 açoites e ferro no pescoço por 04 anos
13- Francisco	Moçambique	serviço da roça	Julgado e absolvido por não participar na execução das mortes
14- Joaquim	Mina	serviço da roça	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
15- José	Benguela	serviço da roça	Condenado a 400 açoites e ferros no pescoço por três anos
16- José Campeiro	Benguela	campear e algumas vezes, roça	Condenado a 400 açoites e ferros no pescoço por três anos
17- Julião	Crioulo	s/inf.	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
18- Lourenço	Angola	serviço da roça	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
19- Manoel das Caldas	Angola	serviço da roça	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
20- Manoel Joaquim	Angola	s/inf.	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
21- Manoel Pedreiro	Moçambique	pedreiro e serviço da roça	Condenado à 600 açoites e ferro no pescoço por 04 anos
22- Manoel das Vacas	Benguela	serviço da roça e do retiro	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
23- Paulo	Crioulo	serviço da roça e de campear	Julgado e absolvido por não participar na execução das mortes
24- Pedro	Congo	serviço da roça	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
25- Pedro Velho	Benguela	serviço da roça	Julgado e absolvido por não participar na execução das mortes
26- Quintiliano	Crioulo	s/inf.	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
27- Sebastião	Angola	serviço da roça	Julgado e condenado à pena de morte por enforcamento
28- Rafael	Crioulo	serviço da roça	Julgado e absolvido por não participar na execução das mortes
29- Tomás	Mofumbe	serviço da roça	Julgado e absolvido por não participar na execução das mortes
FAZ. DA PRATA*			
30- Roque	Crioulo	tropeiro e serviço de roça	Julgado e condenado à pena de 10 anos de galés c/ trabalhos
31- Gerônimo	Crioulo	tropeiro e serviço de roça	Julgado e condenado à pena de 10 anos de galés c/ trabalhos

Fonte: Processo-crim de Insurreição (1833), cx. PC 29-01, Arquivo Histórico do IPHAN – Seção São João del-Rei

* A pena de Roque e Gerônimo crioulos foi posteriormente comutada em 600 açoites, por intercessão da proprietária Ana Luíza Gonçalves.

Trechos de Documentos 3:

"[O escravo Francisco dissera] publicamente que o Vigário Joaquim José Lobo o solicitara para fazer insurgir os escravos desta Freguesia insinuando-lhes os meios por que isso se podia efectuar" [Correspondência do juiz de paz suplente de Carrancas, Domingos Teodoro de Azevedo, dirigida ao Presidente da Província Manoel Ignácio de Mello e Souza, em 21 de julho de 1831]

"[O vigário era acusado de se unir aos restauradores e colocar em prática] um dos maiores attentados: aliciou a vários escravos dos fazendeiros mais consideráveis seus Paroquianos dizendo-lhes que estão forros e que só faltava sublevaram-se contra seus senhores e que isto por ordem do ex-imperador" [Representação dirigida ao presidente da Província pelos juizes de paz de Carrancas, Curato de Espírito Santo, Curato de São Tomé das Letras e São Bento do Campo Belo, em abril de 1833]

(Trechos retirados de ANDRADE, Marcos Ferreira de. Rebeliões escravas na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas. *Afro-Ásia*. Salvador, nº 21-22 (1998-1999), p: 54-55)

Trechos de Documentos 4:

Respostas das testemunhas quando perguntadas sobre por que se envolveram na revolta:

Depoimento de Julião Congo [escravizado da Fazenda Campo Alegre]: "(...) Respondeu que seu senhor o tratava de **mandrião (i.é preguiçoso, indolente)**, não estava contente com o seu serviço, dava-lhe pancadas, ainda mesmo quando estava doente (...)" [Auto de perguntas ao réu Julião Congo, escravo da Fazenda Campo Alegre. Arquivo do Museu Regional de São João del-Rei. Processo de Insurreição (1833), cx 04, fl. 127]

Depoimento de Manoel Joaquim [escravizado da Fazenda Bela Cruz]: "(...) Respondeu que havia acompanhado os outros mais velhos que os ameaçavam de tirar-lhes a cabeça se assim não fizesse" [Auto de perguntas feitas à Manoel Joaquim,

escravo da Fazenda Bela Cruz. Arquivo do Museu Regional de São João del-Rei. Processo de Insurreição (1833), cx 04, fl. 146]

Depoimento de Julião Crioulo [escravizado da Fazenda Bela Cruz]: "Tinha sido mandado e tivera esperanças de ficar forro" [Auto de perguntas feitas à Julião Crioulo, escravo da Fazenda Bela Cruz. Arquivo do Museu Regional de São João del-Rei. Processo de Insurreição (1833), cx 04, fl. 150]

Depoimento de Maria Joaquina do Espírito Santo, e Manoel José da Costa, [ambos pardos, casados e agregados da fazenda Jardim]: "entraram pelo seu terreiro [um] bando de pretos, cujo número ela testemunha não pode calcular em razão de ser já escuro e entrando alguns pela casa adentro e disseram a ela e ao seu companheiro que entregassem logo as espingardas, senão morreriam".

"o preto Antônio Benguela pulava no seu terreiro e batia nos peitos dizendo para ela e seu companheiro: vocês não costumam a falar nos Caramurus, pois conheçam agora os Caramurus. Nós somos os Caramurus, vamos arrasar tudo"

(Trechos retirados de ANDRADE, Marcos Ferreira de. Rebeliões escravas na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas. *Afro-Ásia*. Salvador, nº 21-22 (1998-1999), p: 72 e ANDRADE, Marcos Ferreira de. A pena de morte e a revolta dos escravos de Carrancas: a origem da "lei nefanda" (10 de junho de 1835). *Tempo*. 23 (2), Mai-Ago 2017, p: 274)

Trechos de Documentos 5:

Respostas das testemunhas quando perguntadas sobre se havia a participação de alguma pessoa livre no plano do levante:

Depoimento de Domingos Crioulo [escravizado da Fazenda Campo Alegre]: "Francisco Silverio era a causa disso dizendo que no Ouro Preto haviam muitas pessoas voltadas com a boca para cá afim de matarem todos os brancos e ficarem os negros forros" [Auto de perguntas feitas à Domingos Crioulo. Arquivo do Museu Regional de São João del-Rei. Processo de Insurreição (1833), cx 04, fl. 129]

Depoimento de José Mina [escravizado da Fazenda Campo Alegre]: "[ouvira de Ventura] que os brancos no Ouro Preto estavam se guerreando entre si, matando aos outros, e que era boa ocasião delles se levantarem e ficarem forros matando a seus senhores" [Auto de perguntas feitas à José Mina. Arquivo do Museu Regional de São João del-Rei. Processo de Insurreição (1833), cx 04, fl. 131]

(Trechos retirados de ANDRADE, Marcos Ferreira de. Rebeliões escravas na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas. *Afro-Ásia*. Salvador, nº 21-22 (1998-1999), p: 74)

Documento 6:

Trecho do Ofício do Juiz de Paes de Baependi dirigido ao Presidente da Província de Ouro Preto, deposto na Sedição Militar de 1833.

“(...) eu passo a relatar a V. Exa. quanto pude obter pela confissão dos escravos presos; Dizem estes que hum escravo do Deputado Junqueira dotado de uma ideia clara, gênio empreendedor, e bastante audacioso a mais de um ano os convoca para insurreccionar-se desde tempo em que se tratou deste objeto em a freguesia de Carrancas, mas que a descoberta ali os fez parar até que agora com a saída da força para bater os sediciosos do Ouro preto, aquele escravo fez reviver a ideia dizendo-lhes que certo branco afirmava ser este o tempo de romper a guerra contra os branco, e que deviam principiar em Campo Alegre, seguir a Bella Cruz, Jardim Campo Belo, e dali engrossando a força voltarem a Santo Inácio, Ileristuba, seguirem uns para o Espírito Santo outro para Carrancas e que vencidos e mortos todos os brancos: Senhores os pretos do terreno, e riquezas se fariam fortes para novas conquistas. [...]

(...) Os escravos Domingos crioulo, e Julião Africano, ambos do deputado Junqueira, contaram que Francisco Silverio Teixeira (...) dissera á aquele Ventura que os brancos de Ouro preto não queriam cativo como os de cá [São João Del Rey](...)”

[“Rebelião de 1833”. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, vol. 18, p. 87-89, 1913.](#)

Observação: Para facilitar a leitura e a realização das atividades propostas aos estudantes em sala de aula, optamos pela adaptação da ortografia das palavras dos trechos documentais. Caso tenha interesse é possível acessar o documento 6 na página do *Impressões Rebeldes* e apresentar para os estudantes tanto a imagem do documento manuscrito, como a sua versão digitalizada com a ortografia da época. Esse pode se tornar um momento curioso e divertido para os estudantes.

III - Mídia

[O outro 13 de maio](#) - Revolta de Carrancas (1833) - LIS/UFSJ

IV - Referência Bibliográfica

ALBUQUERQUE, Wlamyra. "Movimentos sociais e abolicionistas" em: Schwarcz, Lilia Moritz; Gomes, Flávio dos Santos (Orgs). *Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 328-333

ANDRADE, Marcos Ferreira de. Rebeliões escravas na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas. *Afro-Ásia*. Salvador, nº 21-22 (1998-1999), 45-82.

_____. [A pena de morte e a revolta dos escravos de Carrancas: a origem da "lei nefanda"](#) (10 de junho de 1835). *Tempo*. 23 (2), Mai-Ago 2017, 265-289.

_____. "Nós somos os caramurus e vamos arrasar tudo": a história da Revolta dos escravos de Carrancas, Minas Gerais (1833). In REIS, João José & GOMES, Flávio. (Orgs.) *Revoltas escravas no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2021. p. 302-310.

_____. ["Massacre em Carrancas"](#). *Revista Impressões Rebeldes*, Ano 4, n. 2 (jul-dez), 2016.

CAIMI, Flávia Eloisa. Porque os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*. 11 (21), Junho 2006), 17-32.

KARASH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIROLA, Ricardo. Escravos e rebeldes nos tribunais do Império: uma história social da Lei de 10 de junho de 1835. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2015.

REIS, João José. "Revoltas Escravas" em: Schwarcz, Lilia Moritz; Gomes, Flávio dos Santos (Orgs). *Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 392-399.

RIBEIRO, João Luiz. No meio das baratas as galinhas não têm razão: a lei de 10 de junho de 1835: os escravos e a pena de morte no Império do Brasil (1822-1888). Rio de Janeiro: Renovar, 2005.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *História da África e do Brasil Afrodescendente*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006.